



# Crônica da Cidade

por Mariana Niederauer >> mariananiederauer.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

## Boa hora

Nunca havia ouvido o termo “boa hora” antes de ficar grávida pela primeira vez. À medida que a barriga ia crescendo, passei a escutar cada vez mais a expressão, e a entendê-la. Depois de dar à luz então, tudo parece se encaixar, e o desejo genuíno de que corra tudo bem não poderia fazer mais sentido.

No percurso até tornar-se mãe, o parto é muitas vezes apenas um detalhe. A angústia e a ansiedade das últimas semanas — ou, para algumas mulheres, o avi-

so de uma chegada inesperada e bem antes da hora —, as primeiras horas de vida do bebê, as noites sem dormir, a amamentação, os hormônios em excesso ou em falta... Tudo isso mais a transformação que a descoberta do sentimento sem igual por outro ser humano traz.

Gestar é mais que parir, e desejar a uma mãe grávida uma boa hora é certamente a melhor forma de estimar, em poucas palavras, o que de melhor pode acontecer com ela nos meses que seguirão.

Desconheço a origem da expressão e, numa busca rápida pela web, também pouco pude desvendar o mistério. Pre-

cisaria, provavelmente, pesquisar mais a fundo, fazer um trabalho investigativo, ouvir avós, tias, parteiras, doulas, gente que provavelmente cresceu ouvindo e usando as duas palavras mágicas com naturalidade.

Nesses últimos meses, em que vivemos imersos numa realidade dolorosa e revoltante, talvez essa fosse a melhor forma de nos cumprimentarmos por aí. Grávidos ou não, todos merecemos em algum momento essa boa hora.

Pensar no número de pessoas queridas e brilhantes que perdemos é sufocante. Seja pelo vírus que assolou o mundo, seja por outras doenças ou cha-

gas que nos assombram nesse período desafiador, lembrar dos que partiram é quase que inevitável. Ao ligar a televisão, ler um livro ou uma reportagem, olhar uma obra de arte na parede, acabamos recordando as perdas.

Da devastadora notícia da morte de Paulo Gustavo, ator novo e talentoso, à partida de Tarcísio Meira e Paulo José, com apenas algumas horas de diferença. Apenas esta semana, perdemos, ainda, Luis Gustavo e o cartunista Ota. Para Brasília — e a cultura, e a literatura, e a academia —, ficou também a tristeza da partida de Lucília Garcez.

Tive o privilégio de entrevistá-la uma

vez, em breve conversa sobre a importância do domínio da língua portuguesa para a carreira — pauta da editora do caderno *Trabalho & Formação Profissional*, Ana Sá, uma de suas admiradoras. A língua aprimora características cognitivas importantes, como a capacidade de formular hipóteses e de fazer avaliações, ensinou a professora Lucília. “Tudo isso é construído no desenvolvimento da linguagem.”

Agora que minha hora está chegando pela segunda vez, desejo a todos, e principalmente àqueles em luto pela perda dessas pessoas tão queridas, que passem uma boa hora.

Até breve!

**TRADIÇÃO /** Moradores do DF mantêm vivo o costume de entregar guloseimas no Dia de Cosme e Damião, comemorado hoje

# Para adoçar a festa

» ANA ISABEL MANSUR

Se a data ligada à distribuição de doces em outros países remete ao susto e ao medo, no Brasil o clima é de celebração. O Dia de Cosme e Damião, comemorado hoje, não condiciona a entrega dos presentes às travessuras nem exige fantasias. Com a pandemia da covid-19, a tradição de adoçar o cotidiano da comunidade ganhou um novo significado e mostrou que é possível quebrar até o mais amargo e azedo dos momentos. Originado no catolicismo, o Dia de Cosme e Damião também faz parte das crenças de matriz africana, como a umbanda e o candomblé.

A lembrança afetiva da data é o que faz muitas pessoas manterem a tradição da distribuição de doces. É o caso da professora de biologia Ravenna Silva, moradora da Vila Planalto, que organizou uma arrecadação entre os amigos para montar os famosos saquinhos.

“Eu sempre peguei doces no Dia de Cosme e Damião, é uma forma de manter o costume. Agora, com a minha idade, não dá mais para pegar, então eu distribuo”, diverte-se a jovem de 29 anos, que conseguiu montar 150 kits. Um grupo de oito voluntários distribuiu os presentes ontem, em Sobradinho dos Melos, no Paranoá. A entrega continua hoje, na Vila Planalto. “Eu tento continuar entregando os doces, é um costume que fez parte da minha infância. Quero que outras crianças tenham essa experiência”, explica a jovem.

O período é um dos que mais movimenta a economia local. Astrogildo Rodrigues, dono da distribuidora de doces Sobramel, em Sobradinho, conta que as vendas em 2021 apresentaram melhora na comparação com 2020, mas o movimento continua fraco. Segundo o comerciante, a pandemia da covid-19 teve papel na redução da procura pelos doces, mas o desapareço com a tradição também contribuiu para o cenário.

“Muitos idosos, que são boa parte dos compradores, infelizmente morreram, estão doentes ou com medo de sair de casa por causa da pandemia. Mas a perda do costume também ajuda”, reflete Astrogildo, acrescentando que os clientes têm gastado menos com a data. “Quem tem costume de fazer os saquinhos continua fazendo, mesmo em quantidade reduzida”, completa o dono da loja.

## História

De acordo com a historiadora e educadora popular Juliana Meato, a origem da tradição de entrega de doces na data remonta à história de Cosme e Damião, irmãos gêmeos e médicos que viveram no século 3 e atuavam por meio da generosidade. “Eles não cobravam nada para curar as pessoas. Os atos caridosos convertiam muitos ao cristianismo, em um período romano em que a fé pagã ainda tinha muita força. Por não se curarem perante os deuses pagãos, Cosme e Damião foram considerados inimigos das divindades. Segundo a história, foram perseguidos e mortos pelo imperador romano Diocleciano (244-311)”, conta Juliana, destacando que há várias versões sobre como os irmãos teriam sido assassinados.

Com o fim da perseguição aos cristãos em Roma, o culto aos mártires se intensificou e, no século 6, o papa Félix

Minervino Junior/CB/D.A.Press



Saquinhos geralmente têm maria-mole, suspiros, quebra-queixos e pipocas. O dia 27 de setembro ficou no imaginário coletivo como data de distribuição desses itens

## » Para saber mais

### Toques regionais

*A forma de celebração da data pode assumir diversas configurações, a depender do local. “As tradições baianas mantêm a oferta do caruru, relacionado aos ibejis, a forma do sincretismo de Cosme e Damião. No subúrbio do Rio de Janeiro, a festa é mais presente na distribuição dos saquinhos de doce, como uma brincadeira de rua e maneira de levar as crianças a brincar e a ocupar a cidade, com os doces representando a inocência e a doçura da infância”, aponta a historiadora Juliana Meato.*

**Natural do Rio de Janeiro, Juliana entrega doces nas regiões administrativas do DF**

IV inaugurou a Basílica dos Santos Cosme e Damião, em 27 de setembro, em Roma. A partir de então, a homenagem aos irmãos se espalhou pela Europa e chegou a Portugal, sendo trazida pelos colonizadores ao Brasil. Em 1535, foi

Arquivo pessoal



construída uma igreja em homenagem aos santos em Igarassu (PE).

### Intolerância

Ao desembarcar em terras brasilei-

ras, porém, a tradição do Dia de Cosme e Damião foi subvertida. Se antes os santos eram ligados à conversão à fé católica, a data passou a ser relacionada aos cultos de matriz africana e a ser vista com preconceito por parte da po-

pulação. “A reforma litúrgica de 1969 mudou a data para 26 de setembro no calendário católico. Mas, no imaginário coletivo, o dia 27 permaneceu”, explica Juliana, que mantém o hábito de distribuir doces no dia. “É muito bom ver o sorriso no rosto da criança. Evito colocar chicletes, tento dar ênfase à tradição. O Plano Piloto não proporciona muito o senso de comunidade, então as pessoas não têm o costume da distribuição aqui (no bairro)”, lamenta a historiadora, que mora na Asa Sul.

Vinda de Niterói (RJ), em 2019, Juliana sentiu a diferença de tradição no Dia de Cosme e Damião entre a cidade fluminense e a capital federal. “Amanhã, vou distribuir em Samambaia e Taguatinga, acredito que a adesão será maior”, espera a educadora.

Como a história se repete, a origem de intolerância ligada ao nascimento do mito de Cosme e Damião continua; porém, com mudanças nos papéis: a fé cristã passou a ser, muitas vezes, autora de movimentos discriminatórios em relação à comemoração ligada às religiões africanas.

“Temos, no Brasil, tentativas de sincretismo, de sobrevivência e de superação da intolerância, mas ainda é muito presente. Até hoje, há uma postura racista de pessoas que não fazem parte da fé, mas não conseguem lidar com a devoção e festividade da comemoração. Tentamos, por meio da entrega dos doces, dar continuidade a uma expressão legítima da presença das religiões africanas no país”, finaliza Juliana.